

Desenvolvimento Rural

Agroindústrias ampliam renda e ajudam a manter famílias no campo gaúcho

Diversificação da produção, agregação de valor e inovação fortalecem a agricultura familiar e criam oportunidades para a sucessão rural

Claudio Medaglia

Transformar a produção primária em alimentos processados deixou de ser apenas uma alternativa para pequenos agricultores gaúchos e passou a representar uma estratégia de permanência no campo. Ao agregar valor à matéria-prima produzida nas propriedades, as agroindústrias familiares ampliam a renda, diversificam os canais de comercialização e criam condições para que novas gerações permaneçam na atividade rural.

O avanço desse segmento também é percebido nas políticas públicas e nos números do Estado. A Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) divulgará na Expointer 2026 o primeiro Censo das Agroindústrias Familiares do Rio Grande do Sul, levantamento que ouviu 4.109 empreendimentos para traçar um diagnóstico do setor e orientar futuras ações voltadas ao segmento.

Segundo o secretário Gustavo Paim, a agroindustrialização representa uma das principais ferramentas para fortalecer economicamente a agricultura familiar. “A agroindústria é uma forma de pegar um produto do setor primário, agroindustrializá-lo, agregar valor e isso gera renda para o agricultor”, afirma.

A expansão também aparece nas feiras. Em 2023, a Expointer reuniu 372



Raquel Pellegrini (c) e os pais Anélio e Arlete conduzem a Casa do Sabor, agroindústria de Paraí, na Serra

agroindústrias familiares. Neste ano, foram homologadas 509 inscrições. O número de eventos apoiados pela SDR também aumentou: de cerca de 50 feiras anuais em 2023 e 2024 para uma projeção de aproximadamente 160 neste ano.

Para Paim, o crescimento do setor está diretamente ligado a um dos maiores desafios da agricultura familiar: garantir a sucessão rural. “Talvez o grande desafio hoje para o jovem permanecer no campo não seja preferir a cidade. É

a oportunidade de ter renda, qualidade de vida e conectividade”, avalia. O levantamento permitirá avaliar a efetividade das políticas públicas e orientar novos investimentos.

A avaliação é compartilhada pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetagr-RS). Para o assessor de Política Agrícola da entidade, Jocimar Rabaioli, a agregação de valor proporcionada pelas agroindústrias tem sido decisiva para manter jovens nas propriedades.

“A gente tem visto vários exemplos onde os jovens só estão ainda na propriedade em virtude das agroindústrias familiares”, destaca. Segundo ele, além de ampliar a renda das famílias, os empreendimentos criam espaço para que as novas gerações assumam funções estratégicas dentro do negócio, incorporando inovação e novas formas de comercialização. “O jovem consegue assumir o protagonismo dessas atividades, consegue inovar”, afirma.

Rabaioli também observa um

crescimento da participação feminina na gestão das agroindústrias. Segundo ele, as mulheres sempre estiveram presentes na rotina das propriedades, mas passaram a ocupar, cada vez mais, posições de liderança e gestão dos empreendimentos, movimento impulsionado também por políticas públicas específicas voltadas ao público feminino.

A trajetória da família Pelegrini, de Paraí, na Serra Gaúcha, ilustra esse processo. Durante décadas, a propriedade de sete hectares viveu da produção de leite. A baixa rentabilidade da atividade, porém, levou o agricultor Anélio Pelegrini e a esposa, Arlete, a buscar uma alternativa que permitisse manter os três filhos vinculados ao negócio da família.

A ideia de criar uma agroindústria surgiu há cerca de 20 anos. O projeto levou aproximadamente cinco anos para sair do papel e, há 15 anos, nasceu a Casa do Sabor.

Hoje a empresa produz cerca de cem itens, entre geleias, antepastos e molhos, elaborados principalmente com frutas cultivadas na propriedade, como amora, framboesa, mirtilo, nozes e laranja. A comercialização ocorre em feiras, para lojistas, por comércio eletrônico e, em menor escala, para programas de alimentação escolar.

Engenheira de alimentos e agricultora, a filha Raquel afirma que a decisão mudou o destino da propriedade. “Eu sinceramente acredito que, se não tivesse tido a agroindústria, hoje a nossa propriedade não existiria mais.”

Segundo ela, o empreendimento permitiu manter parte da família no campo – ela tem ainda dois irmãos – e transformou a realidade econômica. “Ela conseguiu nos manter na propriedade e trazer qualidade de vida.”

Da reinvenção da família à inovação orientada pelo consumidor

A mudança, afirma Raquel Pellegrini, foi especialmente significativa para os pais. Anélio iniciou a agroindústria aos 55 anos, depois de uma vida dedicada exclusivamente à atividade leiteira. Passou a participar de feiras, aprender técnicas de comercialização e ampliar o relacionamento com consumidores e outros produtores.

“A mudança maior foi para eles. Conseguir colher frutos agora, num negócio que deu certo, melhorou muito a autoestima e a qualidade de vida”, conta. A consolidação do negócio não aconteceu rapidamente. Segundo Raquel, foram cerca de oito anos até que a empresa alcançasse maior estabilidade econômica.

Nesse período, a família reinvestiu continuamente na ampliação da estrutura, no desenvolvimento de novos produtos e no aperfeiçoamento dos processos produtivos.

Um dos marcos foi o lançamento da linha de geleias sem açúcar, desenvolvida sem adoçantes artificiais a partir de estudos realizados durante sua graduação em Engenharia de Alimentos. A linha tornou-se uma das mais importantes da empresa.

“Quando a gente trabalha sério, trabalha com qualidade, o resultado é mais lento, mas ele vem firme.”

A estratégia permanece baseada na inovação orientada pelas demandas do mercado. Na Fenadoce

deste ano, a Casa do Sabor lançou uma coleção de minigeleias organizada em kits temáticos para consumo e presentes. Novidades também estão previstas para a Expointer.

Para Raquel, inovar significa ouvir o consumidor. “A principal função de um lançamento tem que ser responder ao que os clientes querem.”

Além do desenvolvimento de produtos, a família passou a investir no comércio eletrônico e na comunicação pelas redes sociais. “Aprender a ser influencer do próprio negócio foi um grande desafio. Se a gente não for, ninguém vai fazer como a gente faz.”

Para o secretário Gustavo Paim,

essa combinação entre tradição e inovação ajuda a explicar o crescimento das agroindústrias familiares gaúchas. “Esses produtos têm por trás uma origem, uma tradição, uma família, uma história.”

Na avaliação do secretário, quando os jovens assumem espaço dentro desses empreendimentos, preservam esse patrimônio cultural ao mesmo tempo em que incorporam novas tecnologias, ampliam mercados e fortalecem a competitividade das pequenas propriedades. Isso, afirma, torna a agroindustrialização uma das principais ferramentas para garantir o futuro da agricultura familiar no Estado.

Censo das Agroindústrias Familiares do RS

Lançado em março deste ano durante a Expodireto, o primeiro Censo das Agroindústrias Familiares do Rio Grande do Sul ouviu 4.109 empreendimentos gaúchos. A partir disso será traçado um diagnóstico do setor, o que orientará futuras ações voltadas ao segmento, além de direcionar a destinação de verbas e políticas públicas. Realizado pela Secretaria de Desenvolvimento Rural, o censo foi aplicado com a ajuda de extensionistas da Emater. Os resultados serão apresentados na Expointer 2026.